

Surdez & Educação

Michele Emy Yamashita
Mario Missagia Júnior



Instituto
Nacional de
Educação de
Surdos



Surdez e Educação

Michele Emy Yamashita | Mario Missagia Júnior



Ficha técnica

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

PLANEJAMENTO

**Michele Emy Yamashita
Mario Missagia Júnior**

TEXTO E PESQUISA

**Michele Emy Yamashita
Mario Missagia Júnior**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Michele Emy Yamashita

CONSULTORIA DIGITAL

Carlos Aurélio Rosan Menin

ANO DE PUBLICAÇÃO

2024



Yamashita, Michele Emy

Educação & Surdez./ Michele Emy Yamashita. – São Paulo, 2023.

44f. il.:

Orientador: Mario Missagia Junior.

**Objeto Educacional (Curso de Licenciatura em Pedagogia) - INES /Instituto Nacional
de Educação de Surdos.**

**1.Surdez 2. Diversidade 3. Educação 4. Cultura surda 5. Educação bilíngue
I. Título.**

INES

1.ed.

Proibida a venda ou reprodução total ou parcial deste material.

Apresentação

Esta cartilha foi pensada para uma leitura rápida e possui pistas visuais. Seguem algumas dicas:

Os textos grifados em amarelo sintetizam a mensagem principal de cada capítulo.

Os quadros rosas contém informações adicionais sobre o texto principal.

Para se aprofundar nos assuntos abordados, escaneie os QR Codes para ter acesso aos textos de referência! Ou apenas clique, se estiver na versão digital.



Não esqueça de conferir as recomendações de textos complementares indicados ao final da cartilha!

Boa leitura!

Índice

- 6 Diversidade na surdez**
- 10 Identidade e língua na surdez**
- 14 Os movimentos surdos e as identidades surdas**
- 20 Cultura surda e educação**
- 26 Educação bilíngue**
- 30 O papel do educador frente à diversidade**
- 34 Bibliografia**
- 38 Textos complementares**

Diversidade na surdez

Há 2,3 milhões de pessoas com algum grau de surdez no Brasil (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2021). A surdez é um fenômeno complexo, tanto no sentido médico quanto no sentido antropológico.

Clique aqui



INES, 2015

A surdez pode ser classificada quanto ao local de lesão no aparelho auditivo (condutiva, neurosensorial, mista ou central), quando ao grau (leve, moderada, severa e profunda) e também pode

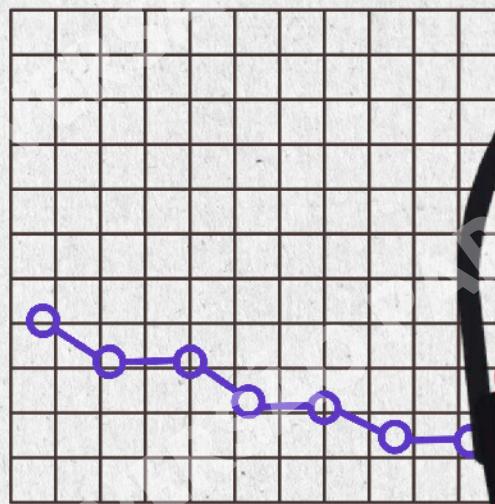
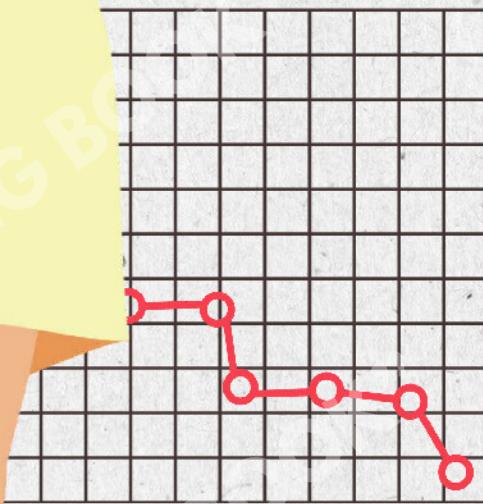
ser uni ou bilateral (INES, 2015).

Em exames de audiometria é possível aferir alterações auditivas. Para ser considerada pessoa com deficiência, a perda média deve ser de 41 decibéis (dB) ou mais, nos dois ouvidos, nas frequências 500, 1000, 2000 e 3000 Hertz conforme **decreto nº 5626 de 2005**.

Como a sensibilidade para cada frequência pode variar bastante, a média da perda auditiva em decibéis nas 4 frequências deve ser calculada para cada ouvido.



Aferição de perda auditiva por teste de audiometria



A surdez também pode ser congênita ou adquirida. Quando adquirida (por acidente, doença, ou uso de medicamentos), pode ser pré-lingual ou pós-lingual, o que será importante para saber o quanto a pessoa foi exposta à língua oral.

A surdez pós-lingual é a surdez adquirida após o desenvolvimento da língua oral e após compreensão da fala já estarem consolidados. Estabelecida a surdez em fase tardia, a pessoa geralmente consegue compreender a fala através do treinamento da leitura labial e pode ter rápida adaptação quando o implante coclear é uma possibilidade.



Já a surdez pré-lingual acontece antes do desenvolvimento da língua oral. Portanto, é uma surdez adquirida nos primeiros anos e, nesses casos, a introdução a língua de sinais e a uma educação bilíngue o quanto antes têm mostrado os melhores resultados pedagógicos e cognitivos (CAPOVILLA, 2000).

Antropologicamente, a surdez também é um campo de interesse, pois a perda auditiva marca uma diferença que tem relações com construções simbólicas, identitárias e culturais.



Identidade e língua na surdez

A visão apenas clínica-terapêutica da surdez, pautada nas medições e classificações do organismo, é limitante, pois seres humanos são fundamentalmente sociais e simbólicos.

Isso significa que cada pessoa é um corpo que transpassa o biológico, visto que todos somos atravessados pela linguagem, e cada corpo constitui um todo em funcionamento de acordo com a história de um sujeito particular.



Desta maneira, a formação de identidades é extremamente diversa, tanto no sentido de que os indivíduos estão inseridos em contextos culturais múltiplos e possuem uma trajetória única, como no sentido de que os indivíduos participam diferentemente de uma mesma cultura. Por exemplo, crianças e adultos participam de forma diferente de uma mesma cultura.

Assim como questões de gênero, classe social e raça também têm relações com a forma com que pessoas diferentes acessam a cultura de uma época. Cultura e identidade devem ser compreendidos como fenômenos dinâmicos, que só existem enquanto construções sociais, passíveis de mudança e contradições.

A partir de uma perspectiva influenciada pela antropologia e pelo multiculturalismo, o movimento surdo identifica a surdez como lugar de cultura e identidade e os surdos assumem a proposição de formarem uma comunidade linguística minoritária.

A importância da noção de cultura

A noção de cultura é uma contribuição conceitual da antropologia para interpretar o fenômeno da diversidade humana. O conceito tornou-se necessário para pensar questões relacionadas a poder, política e educação.

Clique aqui

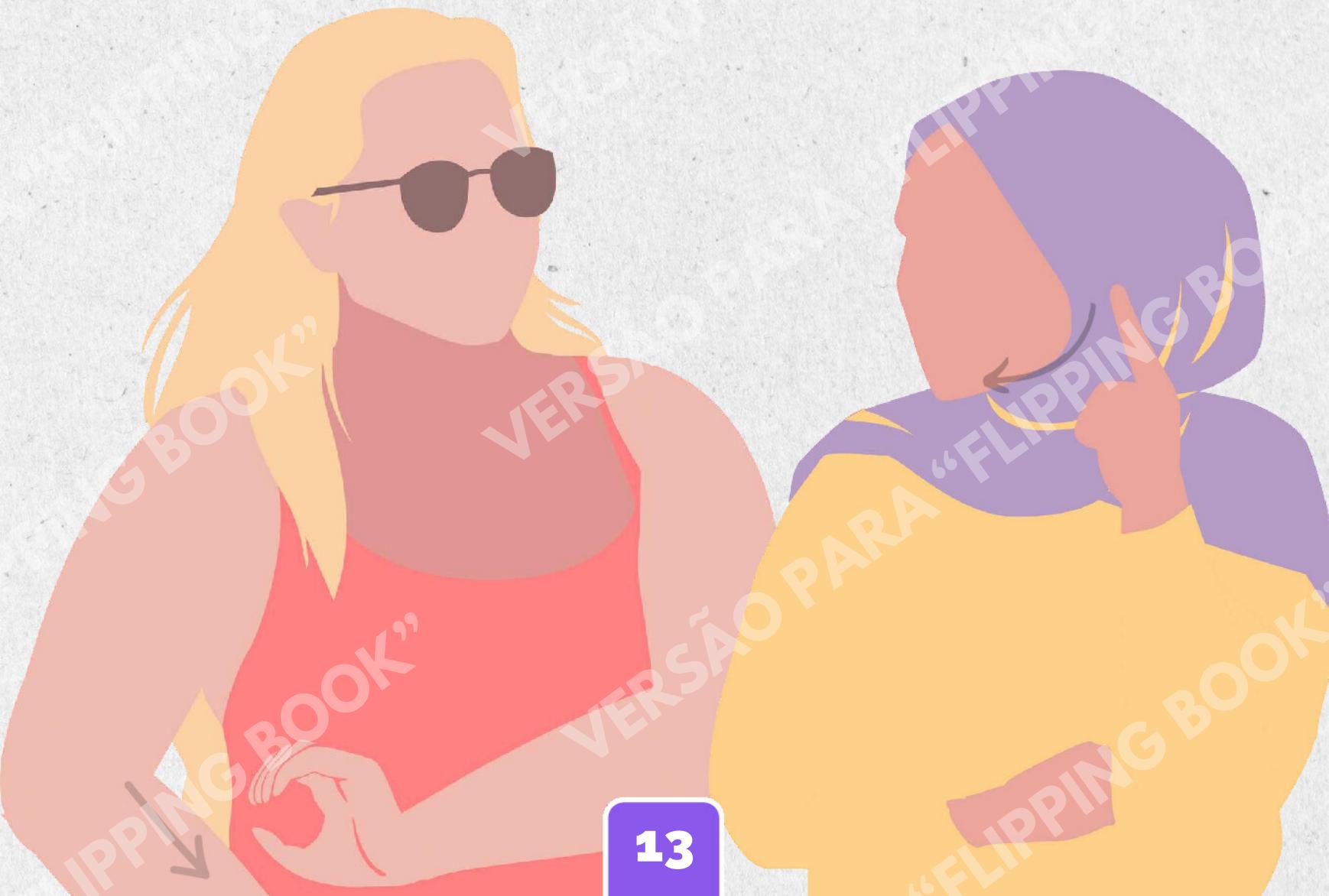


**GODOY & SANTOS,
2014**

A centralidade da cultura ganhou força devido aos estudos filosóficos da linguagem que colocam a língua e a linguagem numa posição de destaque desde o século XX. De fato, a cultura pode ser entendida como a soma de diferentes sistemas de classificação e formas discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas (HALL, 1997 apud GODOY & SANTOS, 2014).

Realmente, há comunidades surdas no Brasil e em outros países, fluentes em língua de sinais, que enfrentam muitos problemas de acessibilidade em um mundo predominantemente ouvinte. Além disso, pessoas que nasceram com surdez total ou se tornaram surdas profundas antes da aquisição de uma língua oral não tem acesso à estrutura gramatical e fonética das línguas orais como os ouvintes. A fluência da escrita alfabética também pode ser difícil para a pessoa surda, pois a escrita das línguas orais ocidentais é um tipo de sistema notacional que mapeia os sons da fala. Para além disso, fazer parte de uma língua minoritária pode significar ter pouco acesso a formas discursivas da cultura como um todo.

Entretanto, não devemos esquecer que existe diversidade na surdez e que o perfil linguístico das pessoas com deficiência auditiva e/ou com surdez pode ser bastante variado dependendo do grau, do tipo de surdez e da trajetória familiar e escolar.





Os movimentos surdos e as identidades surdas



O movimento surdo hoje identifica-se mais com os discursos dos grupos minoritários, como os movimentos feministas, LGBTQIAP+, o movimento negro e o movimentos dos povos tradicionais, do que com o discurso das pessoas com deficiência. Isso porque a surdez deixa de ser lida de acordo com o modelo clínico-terapêutico, onde a surdez é um desvio do corpo biológico normal, e passa a ser representada pelo modelo socioantropológico, em que a surdez é vista como uma diferença sociolinguística.

Um dos principais objetivos dos movimentos minoritários é o reconhecimento de suas identidades, para que, a partir delas, possam pleitear seus direitos.



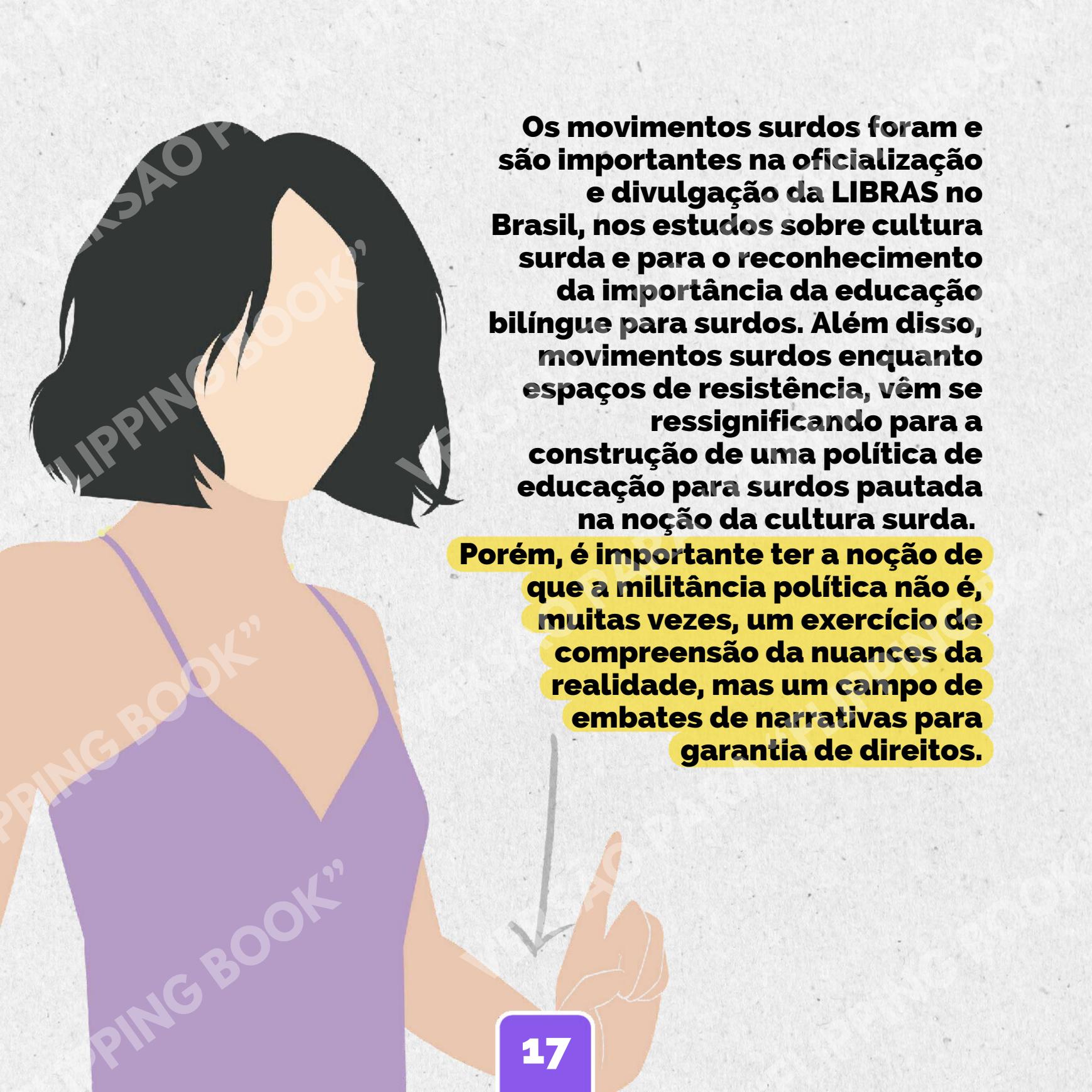
Os discursos dos movimentos identitários são tomados pelos sujeitos para se auto interpretar, num processo identificatório, e acabam por reforçá-los e reproduzi-los, explicando o mundo a partir dos pressupostos destes mesmos discursos (Hall, 1997). Isso no movimento surdo gera a percepção de uma unidade identitária inquestionável entre as pessoas surdas.

No anseio pela visibilidade e para conferir certas prerrogativas a grupos oprimidos, fronteiras identitárias fixas são incentivadas e aceitas como uma condição inevitável. Assim, são prescritos padrões de comportamento para a comunidade surda que, se não são seguidos, são vistos como uma ameaça às reivindicações do movimento surdo (GOMES, 2011).



Identidade surda e a língua de sinais

A Lei nº 10.436/2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como a língua oficial das pessoas surdas no Brasil. Entretanto, não é correto dizer que a língua de sinais é a língua “natural” do surdo, no sentido de universal ou inata, pois resguarda uma premissa de que há uma “essência” surda.



Os movimentos surdos foram e são importantes na oficialização e divulgação da LIBRAS no Brasil, nos estudos sobre cultura surda e para o reconhecimento da importância da educação bilíngue para surdos. Além disso, movimentos surdos enquanto espaços de resistência, vêm se ressignificando para a construção de uma política de educação para surdos pautada na noção da cultura surda.

Porém, é importante ter a noção de que a militância política não é, muitas vezes, um exercício de compreensão da nuances da realidade, mas um campo de embates de narrativas para garantia de direitos.

No discurso dos novos movimentos sociais, que emergem a partir do fim da década 1970, a retórica dos direitos culturais se tornou uma pauta frequente. Com um relativo sucesso, as teorias multiculturalistas conseguiram chamar a atenção para a dimensão simbólica das opressões nas sociedades modernas. A despeito das teorias multiculturalistas partirem de premissas antiessencialistas, definições de fronteiras identitárias fixas são aceita muitas vezes como uma condição inevitável para conferir certas prerrogativas a grupos oprimidos. Assim, no multiculturalismo, o antiessencialismo ontológico convive com o essencialismo enquanto estratégia fundamental de politização da cultura (CAMPOS, 2016).

O movimento multiculturalista e os direitos das minorias

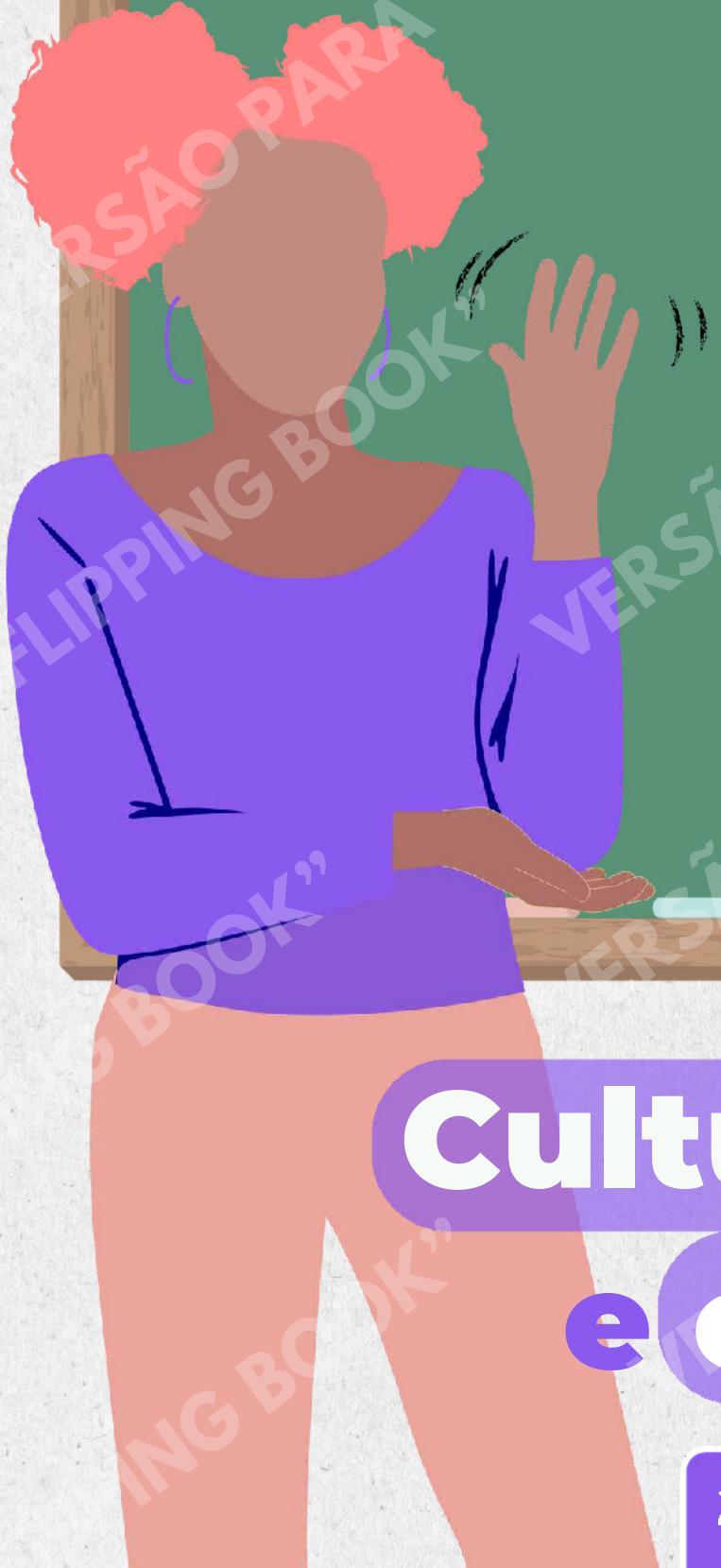
As pessoas surdas são diversas, assim como suas identidades são multifacetadas. Desta forma, não é possível afirmar que todo surdo faz parte da cultura surda ou que surdos só conseguem se comunicar utilizando a língua de sinais. Assim como é um erro acreditar que ouvintes não podem fazer parte da comunidade



Clique aqui

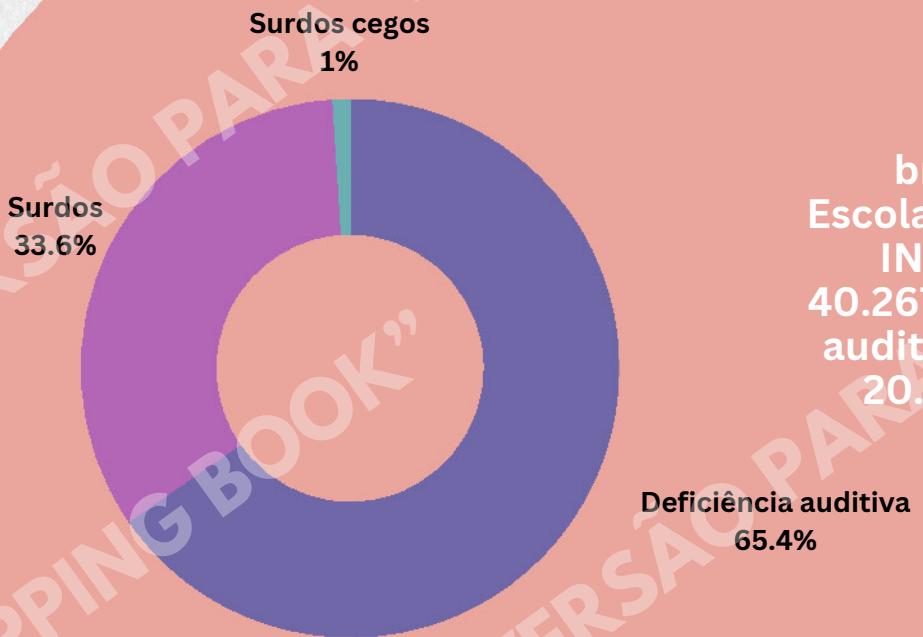
surda. A construção da identidade surda é algo complexo, interseccionado pela identidades de classe, de gênero, de geração, de raça/etnia, de orientação sexual e pela língua oral.





Árvore

Cultura surda e educação



No cenário educacional brasileiro, segundo Censo Escolar de 2022 realizado pelo INEP (BRASIL, 2023), havia 40.267 alunos com deficiência auditiva matriculados, outros 20.699 alunos surdos e 628 são alunos com surdocegueira.

Censo escolar INEP 2022 para alunos com perda auditiva

Segundo o glossário de Educação Especial do INEP (BRASIL,2020), os impedimentos permanentes de natureza auditiva, quando parciais, caracterizam a deficiência auditiva. Quando a perda auditiva é total, temos a surdez.

Já o decreto nº 5626 de 2005 considera pessoa surda aquela que comprehende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais, independentemente do grau de surdez. Enquanto a pessoa com deficiência auditiva apresenta perda auditiva bilateral, seja parcial ou total.

Desta forma, há diferença no entendimento do fenômeno da surdez, em que pelo decreto o divisor de águas passa pela dimensão cultural, enquanto que na definição do INEP, o fator relevante é o orgânico, pautado no grau de surdez definido pelo médico.

Os surdos que utilizam a língua de sinais como principal meio de comunicação têm um conjunto de experiências em comum, relacionadas à perda auditiva em uma sociedade predominantemente ouvinte, motivos que tornam a afirmação de uma cultura surda particularmente forte. Todavia, não poder ouvir não é suficiente para participar da cultura surda, assim como ouvintes podem fazer parte da comunidade e cultura surdas.

Ouvinte ou surdo?

Dentro da perspectiva cultural, uma pessoa com uma surdez profunda adquirida após a consolidação da língua oral e que faz uso da escrita alfabética, da leitura labial e/ou do implante coclear pode não ser considerada surda, mas uma ouvinte com deficiência auditiva.

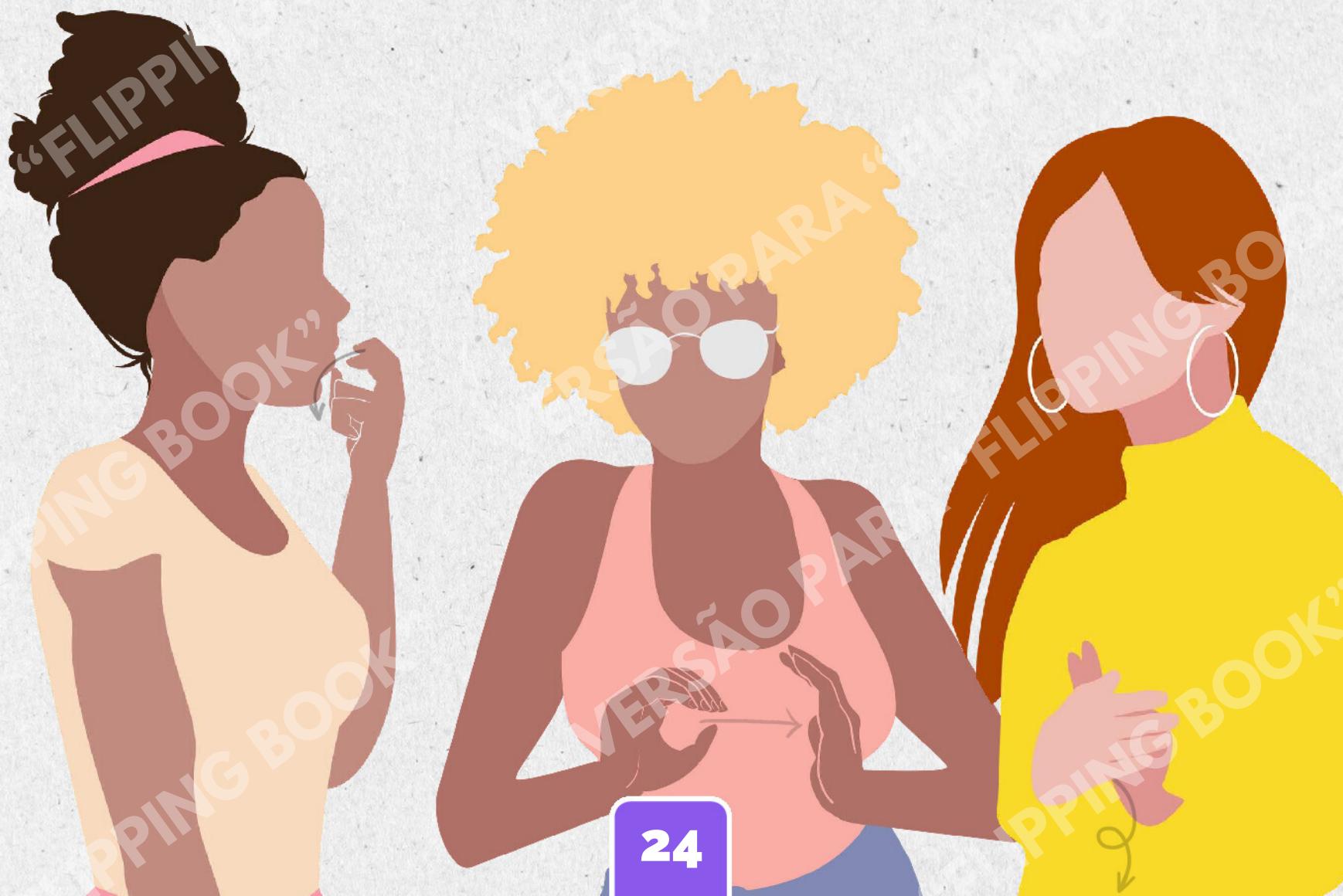
A ideia de que a surdez confere ao sujeito o pertencimento à cultura surda ou que conduz naturalmente ao entendimento dela, aponta para influências de um conceito determinista de cultura e, nesse sentido, para uma redução da diversidade simbólica a uma diversidade biológica.

A vida cultural é resultado da própria interação humana e de padrões de significado socialmente transmitidos por meio de símbolos. Assim, a cultura pouco se relaciona com um determinismo biológico, mas tem que ver com uma leitura simbólica socializada do mundo.

Ademais, existe uma tendência de se entender "cultura" como um conjunto de comportamentos específicos, bens materiais ou artefatos. Mas no campo da antropologia,



cultura pode ser definida como esquemas abstratos historicamente criados e compartilhados de modos explícitos e implícitos de viver. A cultura se manifesta por atos, artefatos ou comportamento, mas não pode ser reduzida a eles (HOIJER, 1962 apud ROBL, 1975; CUNHA, 2009).



Clique aqui



A expressão “cultura surda” tornou-se popular e referências a ela na área de educação de surdos e no movimento surdo é cada vez mais comum (PERLIN & STROBEL, 2014), principalmente em relação às reivindicações de uma educação integral, ou seja, uma educação que leva em conta a dimensão cultural da surdez.

Desde o início da educação formal de alunos surdos, a principal discussão consiste em encontrar a metodologia mais adequada. De modo geral, a filosofia educacional em relação ao surdo passou por três períodos: oralismo, comunicação total e bilinguismo. Por razões históricas, o oralismo é associado à proibição do uso das línguas de sinais e é visto como uma marca opressora do ouvintismo sobre a cultura surda.

Predomina hoje entre pesquisadores da educação e entre os defensores da cultura surda, o posicionamento de que a educação bilíngue proporciona a melhor abordagem pedagógica para o desenvolvimento cognitivo e social da criança surda (PRADO & MACEDO, 2016).

PRADO & MACEDO,
2016



Clique aqui

Educação bilingue



O bilinguismo, enquanto filosofia educacional voltada para alunos surdos, pressupõe a criação de ambientes linguísticos para a aquisição de língua de sinais como primeira língua. Ao priorizar o ensino integral em LIBRAS nos primeiros anos, o bilinguismo favorece o desenvolvimento de vocabulário e de habilidades comunicacionais para a aprendizagem de uma segunda língua em modalidade escrita. O bilinguismo potencialmente resolve o problema da inacessibilidade linguística para a criança com surdez profunda ou congênita e possibilita um desenvolvimento cognitivo equivalente a de uma criança ouvinte. Todavia, alguns autores observam o problema da descontinuidade entre a escrita alfabética e a língua de sinais, o que constitui o principal desafio à abordagem do bilinguismo (TOFFOLO, 2017; CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2002).

Clique aqui

TOFFOLO, 2017



Na tentativa de resolver o problema da dificuldade da escrita e leitura da língua oral alguns autores recomendam as escritas visuais, pois os surdos poderiam ser alfabetizados diretamente na escrita de sinais, sem precisar da intervenção do português.



Clique aqui



O sistema de escrita visual direta de sinais traria múltiplos benefícios psicológicos e sociológicos, pois ajudaria os surdos a tirarem vantagens das propriedades visuais da língua de sinais para pensar, comunicar-se e escrever. Entretanto, a escrita em sinais não seria de todo uma saída viável para resolver o problema da inclusão social com a comunidade mais ampla.

É preciso também trazer a discussão para a realidade de educação de surdos no Brasil, onde a maioria dos surdos congênitos não tem acesso ao modelo de educação considerado ideal, em que a LIBRAS é utilizada integralmente como primeira língua. Outro ponto é que alunos com surdez parcial ou alunos com surdez pós-lingual muitas vezes utilizam o português como língua principal. Além disso, a trajetória dos alunos é difusa, em escolas geralmente inclusivas, não bilíngues, e com mecanismos de aquisição de linguagem atravessados pelo português.

Bastante importante, lembramos que educadores devem conhecer minimamente o perfil linguístico dos alunos, especialmente quando falamos de educação de surdos.

Existem 4 tipos de escrita de sinais no Brasil. O sistema Sign Writing (SW), a Escrita de Língua de Sinais (EliS), o sistema de escrita da Libras (SEL) e a Escrita Visogratificada das Línguas de Sinais (VisoGrafia). Vários editores de textos específicos foram desenvolvidos e novas tecnologias com este fim estão em desenvolvimento . (SILVA et al., 2018)

Silva et al., 2018



Clique aqui

O papel do educador frente à diversidade



Modelos normalizadores e paradigmáticos de educação são problemáticos porque não contemplam as possibilidades de socialização humana extremamente diversas e restringem a complexidade do processo de alfabetização e de aprendizagem de forma geral. Ademais, uma visão que se pretende acabada sobre educação de surdos tende a desconsiderar a heterogeneidade do aluno surdo e as limitações de formulações teóricas.

A ciência da educação está relacionada com o entendimento da realidade humana por meio da noção de cultura. Neste sentido, a pedagogia deve ser um exercício de reflexão perene, sem cair nas armadilhas conceituais de unidade ou purismo, seja em relação às identidades surdas ou com relação às metodologias de ensino.



Desta forma, deve-se evitar abordagens homogeneizadoras e que prescrevem de forma generalizada o que é melhor para os alunos surdos ou com deficiência auditiva sem atentar para suas identidades objetivas, construídas em uma trajetória própria.



Professores e a instituição de ensino devem viabilizar aulas com mais recursos visuais ou tátteis, sem, no entanto, sustentar uma posição dogmática de que a LIBRAS é a única via para o surdo exercer seu direito à educação. A escola deve ser um ambiente de permanente adaptação do conteúdo e o docente ter apoio institucional para interagir com a heterogeneidade de surdos e ouvintes.



Finalmente, educadores devem ter a percepção de que apenas acessibilidade pode não ser suficiente, isto é, não basta dispor de sistemas de tradução. É preciso orientar o aluno surdo a se apropriar de um mundo do qual ele pode ter sido privado por estar à margem da maioria dos discursos em língua oral.



Bibliografia

Conteúdo textual

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. PNS 2019: país tem 17,3 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31445-pns-2019-pais-tem-17-3-milhoes-de-pessoas-com-algun-tipo-de-deficiencia>>. Acesso em 4 out. 2022.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 25 out. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar da Educação Básica 2022. [recurso eletrônico]. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2023. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2022/apresentacao_coletiva.pdf>. Acesso em 2 set. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Glossário da educação especial: Censo Escolar 2020 [recurso eletrônico]. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em:

https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/caderno_de_instrucoes/Glossario_da_Educacao_Especial_Censo_Escolar_2020.pdf. Acesso 17 jul. 2023.

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm Acesso em: Acesso em 25 out. 2022.

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilingüismo. Rev. bras. educ. espec., Marília, v. 06, n. 01, p. 99-116, 2000. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382000000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 fev. 2023.

CAPOVILLA, Fernando C.; CAPOVILLA, Alessandra G. S.. Educação da criança surda: o bilingüismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética. Rev. bras. educ. espec., Marília , v. 08, n. 02, p. 127-156, 2002 . Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382002000200002&lng=pt&nrm=iso. acessos em 02 set. 2023.

CAMPOS, Luiz Augusto. Multiculturalismos: essencialismo e antiessencialismo em Kymlicka, Young e Parekh. Sociologias [Internet]. 2016 May;18 (Sociologias, 2016 18 (42)): 266-93. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-018004212> Acesso em 1 mar. 2023.

CUNHA, Manuela Carneiro da. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: Cultura com aspas. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

GODOY, Elenilton Vieira, & SANTOS, Vinícius de Macedo. Um olhar sobre a cultura. Educação Em Revista, 30(3), 15-41, 2014. Disponível em

<https://doi.org/10.1590/S0102-46982014000300002>. Acesso em 17 set 2022.

GOMES, Anie Pereiro Goulart. O imperativo da cultura surda no plano conceitual: emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos. Santa Maria/RS, 2011. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6974> Acesso em: 4 out. 2022.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997.

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Audiologia - Enfoque para pais e professores Rio de Janeiro - Brasil. 2014 Disponível em <<https://www.ines.gov.br/publicacoes>> Acesso em 10 maio 2023.

PERLIN, Gladis; STROBEL Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. Educ rev [Internet]. 2014;(spe-2):17–31. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0104-4060.37011> Acesso em 12 ago. de 2023.

PRADO, Rosana; MACEDO, Jeanice Liza Marques Ferraz de. Aquisição de línguas por crianças surdas: a importância do letramento visual. RevistAleph, n. 26, 4 ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39155>. Acesso em 23 Abril 2023.

ROBL, Affonso. Língua e "recorte" da realidade. Revista Letras, [S.I.], v. 24, dez. 1975. ISSN 2236-0999. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19582>. Acesso em: 29 out. 2022.

SILVA, Alan David Sousa; COSTA, Edivaldo da Silva; BÓZOLI, Daniele Miki Fujikawa; GUMIERO, Daniela Gomes. Os sistemas de escrita de sinais no Brasil. Revista Virtual de Cultura Surda (RVCS). Editora Arara Azul, Ed. N. 23, 2018. Disponível em: <<https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%202023%20de%20SOUSA%20SILVA%20e%20Outros.pdf>>. Acesso em 2 set. de 2023.

TOFFOLO, Andreia Chagas Rocha; BERNARDINO, Elidéia Lucia Almeida VILHENA, Douglas de Araújo; PINHEIRO, Ângela Maria Vieira. Os benefícios da oralização e da leitura labial no desempenho de leitura de surdos profundos usuários da Libras. Revista Brasileira de Educação, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227165>>. Acesso em 5 Jan 2023.

Conteúdo Imagético

Banco de imagens do programa de design gráfico online Canva® e Canva Pro®. Disponível em <<https://www.canva.com/>>.

QR Codes gerados no QR Code Generator (Beaconstac®). Disponível em <the-qrcode-generator.com>.

Edição da imagens no software livre de edição eletrônica Inkscape 1.1. Disponível em <<https://inkscape.org/>>.

Textos complementares

Antropologia e cultura

SKLIAR, Carlos. **Bilingüismo e biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro , n. 08, p. 44-57, agosto 1998.
Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781998000200005&lng=es&nrm=is>. Acesso em 10 set. 2023.

LARRAIA, Roque de Barros.
CULTURA. Um conceito antropológico. 14ª edição.
Jorge Zahar Editor, 2001.

Bilinguismo

HALL, Stuart. Da diáspora:
Identidades e medições
culturais/Stuart Hall;
Organizacao Liv Sovik;
Traducao Adelaine La
Guardia Resende.
- Belo Horizonte: Editora
UFMG; Brasilia: 2003

Linguagem e
polítiica

CARVALHO, Luiz Claudio da
Costa. Lendas da
Identidade. O conceito de
Literatura Surda em
Perspectiva. Editora Appris
Ltda. 1^a Edição, 2018.

Identidade e
cultura

HALL, Stuart. Cultura e
representação. Organização e
Revisão Técnica: Arthur
Ituassu;. Tradução: Daniel
Miranda e William Oliveira. -
Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio:
Apicuri, 2016.

Literatura surda

livros da Coleção Histórica do INES

Acesse <https://www.ines.gov.br/publicacoes> e baixe gratuitamente:

VOLUME 01

"Iconographia dos signaes dos Surdos-mudos" (1875)

VOLUME 02

"Atlas do Congresso de Milão - 1880" (1890)

VOLUME 03

"Compendio para o ensino dos surdos-mudos" (1881)

VOLUME 04

"L'Abbé Sicard, Célèbre Instituteur des Sourds-muets, successeur immédiat de L'Abbé de L'Épée" (1873)

VOLUME 05

"Congresso Internacional para Estudos de Questões de Educação e de Assistência de Surdos Mudos" (1900)

VOLUME 06

"A surdo mudez no Brasil" (1925)

VOLUME 07

"A palavra - ensinando ao surdo-mudo, curso de fenomimia" (1878)

VOLUME 08

"A história da minha vida" de Helen Keller (1905)



Cartilha elaborada para ajudar a organizar o debate acerca da educação de surdos e evidenciar as implicações linguísticas e culturais da surdez. O material também foi produzido a fim de suscitar a reflexão sobre o que significa a apropriação da ideia de cultura, identidade e bilinguismo dentro do debate de educação de surdos.

